

LÍNGUA PORTUGUESA E PÓS-GRADUAÇÃO

Segismundo Spina

I. A Pós-Graduação e a Especialização

Os Cursos de Pós-Graduação, das mais notáveis e promissoras iniciativas introduzidas no sistema universitário brasileiro, e ora em fase de implantação no País, foram paulatinamente definidos pelo Conselho Federal de Educação, desde o Parecer 977/65, de dezembro de 1965, até ao Decreto Federal 67.350, de 6 de outubro de 1970. Promissora, se pensarmos que no domínio dos cursos humanísticos atravessamos uma fase verdadeiramente crítica, atingida como está a formação humanística por um violento processo de massificação do ensino e conseqüentemente de vulgarização e declínio da cultura do espírito. Promissora, porque, com tais cursos, se esboça a esperança de criarmos, a médio prazo, uma espécie de superestrutura universitária, em que terá lugar novamente o exercício da alta cultura, especialmente da cultura desinteressada. Vemos, na instituição dos Cursos de Pós-Graduação, se bem conduzida e não malsinada por derivações estranhas à sua natureza, o único caminho de recuperação do ensino superior, queremos dizer, de sobrevivência do nosso sistema universitário. É por esse motivo que, quando ainda não suspeitávamos do mais alto alcance dessa medida, imaginávamos e até propunhamos a extensão dos referidos Cursos ao pessoal do ensino médio; hoje estamos reformulando este ponto de vista. Se a abertura dos Cursos de PG aos professores do magistério secundário lhes proporciona uma oportunidade de renovação e atualização de seus conhecimentos (e com isso as Faculdades de Letras estarão cumprindo uma de suas finalidades precípuas), por outro lado é inevitável que tal hibridismo no funcionamento desses Cursos acabe por desvirtuar o seu objetivo fundamental, por conseguinte, descambe num retrocesso ao velho sistema da Pós-Graduação. A heterogeneidade viria

fatalmente acarretar uma baixa no rendimento didático dos Cursos de PG.

Ninguém mais do que nós se convence da necessidade de mantermos permanentemente uma plataforma de encontro com os Colegas do ensino secundário; mas, os Cursos de Especialização, previstos inclusive no Regimento dos Cursos de PG, deverão ter a sua autonomia e ser instituídos no momento em que as Faculdades de Letras dispuserem de recursos materiais e condições pedagógicas para o seu funcionamento.

II. *A Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa*

Um depoimento ou relatório acerca da Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa exigiria indiscutivelmente basear-se em alguma experiência realizada. Ora, até o presente momento, como é notório, a Coordenadoria Central dos Cursos de PG da USP não exarou o despacho final autorizando o funcionamento deste Curso, cujo Processo já tramita há mais de nove meses. Diante disso, qualquer pronunciamento sobre a matéria só pode ser feito à base de mera informação de como tal Curso foi concebido e estruturado.

É claro que, quando da organização dos Cursos de PG na Faculdade de Letras da USP, não tínhamos ainda aquela postura inicial que expusemos preliminarmente; mas isso não impediu, entretanto, que a estruturação do Curso de PG na Área de Filologia e Língua Portuguesa pudesse atender ao seu objetivo fundamental (a formação de docentes e pesquisadores de nível universitário), não obstante as inúmeras dificuldades enfrentadas, das quais a mais séria dizia respeito à carência de "massa crítica" nessa área dentro da Universidade de São Paulo. A fim de obviar essa deficiência de pessoal altamente qualificado para integrar a referida Área, propusemos a inclusão, através de convênios ou de outra forma legal, de elementos de comprovada estatura científica, recrutados dos Institutos Isolados do Ensino Superior do Estado, instituições essas que nada menos são que um prolongamento da Universidade de São Paulo. Esperançosos, então, de que, não só as autoridades universitárias encarregadas da supervisão dos Cursos de PG, mas também aquelas que dirigem os destinos dos Institutos Isolados compreendam a necessidade dessa colaboração, propusemos à Egrégia Comissão Central o seguinte esquema como instituição da Área de Filologia e Língua Portuguesa:

1. ÁREA

- 1.1. Filologia e Língua Portuguesa
- 1.2. Relação das disciplinas da área de concentração:
 - 1.2.1. A Edótica
 - 1.2.2. A problemática da oração
 - 1.2.3. A versificação românica e medieval portuguesa
 - 1.2.4. A língua literária portuguesa
 - 1.2.5. Problemas da sintaxe verbal portuguesa
 - 1.2.6. Técnicas de análise sintática
- 1.3. Relação das disciplinas de domínio conexo:
 - 1.3.1. A unidade mínima semântico-funcional
 - 1.3.2. Fonética e morfologia
 - 1.3.3. Problemas e métodos da sócio-lingüística
 - 1.3.4. A contribuição lingüística do Cristianismo na România
 - 1.3.5. Aspectos da etno-lingüística
 - 1.3.6. Problemática do estudo do Tupi
 - 1.3.7. Problemática das línguas indígenas brasileiras
 - 1.3.8. Lexicologia estrutural
 - 1.3.9. Problemas de lexicologia

É evidente que a seleção das disciplinas de domínio conexo recaiu predominantemente na Área de Lingüística e por razões óbvias: hoje é inadmissível o estudo dos idiomas nacionais desvinculado dos modernos métodos lingüísticos; o estudo de uma língua, com a manutenção da Filologia e com o apoio dos procedimentos técnicos da Lingüística moderna, parece-nos uma forma ideal, de vez que uma e outra (a Filologia e a Lingüística) possibilitam uma visão integral de toda a problemática da língua portuguesa, na sua história e no seu

sistema. A língua não é apenas um instrumento de fala ou comunicação, mas um instrumento de criação estética e um testemunho das conquistas culturais de uma civilização. Sabemos que a definição é elementar ou acadiana; mas com ela pretendemos apenas lembrar que não podemos marginalizar a investigação filológica, vítima como está sendo do mais ostensivo e deliberado esquecimento.

III. *Cursos instrumentais*

Como Cursos instrumentais, a Área de Filologia e Língua Portuguesa deveria manter permanentemente o ensino de Disciplinas auxiliares que visassem à investigação científica no campo das Humanidades. Daí a realização de cursos como o de *Edótica*, o de *Metodologia da pesquisa* e o de *Bibliografia e Documentação*. O Curso de Edótica teria por finalidade formar uma equipe de filólogos voltados para a organização de textos críticos da literatura portuguesa e nacional, em especial das épocas medieval, clássica e colonial; o Curso de Metodologia da pesquisa, que infelizmente aparece diluído nos chamados “colóquios de pesquisa” de todas as Áreas, destinar-se-ia a ensinar todos os procedimentos técnicos e científicos exigidos na elaboração dos trabalhos universitários; o Curso de Bibliografia e Documentação teria por finalidade transmitir aos orientandos um conhecimento relativo da ciência Diplomática e das normas modernas de citação documental no aparato bibliográfico das teses e monografias. Não se explica que até hoje, por exemplo, a obra poética de um Gregório de Matos — como a de tantos outros — não tenha logrado a sua edição canônica, definitiva, quando temos há vários anos conhecimento cabal da existência de mais de uma dezena de códices dos séculos XVII e XVIII da poesia do grande poeta colonial; não se entende que as nossas publicações ainda não se tenham enquadrado rigorosamente nas normas internacionais e nacionais de referência bibliográfica, cuja consciência define de antemão todo e qualquer trabalho científico; por outro lado, até hoje a elaboração de teses e monografias tem sido relegada ao arbítrio pessoal ou tem ficado inteiramente à mercê de nossas idiosincrasias profissionais, para não dizermos à mercê da pura improvisação técnica. É tarefa urgente que professores categorizados e com longa experiência do ensino superior se encarreguem de oferecer aos seus orientandos cursos dessa natureza, em que o pesquisador seja adestrado nas técnicas de execução dos trabalhos de grau, desde a orien-

tação da leitura, o fichamento de obras lidas, o conhecimento dos centros de documentação do País e do estrangeiro, a utilização de arquivos e bibliotecas, até ao domínio da estrutura formal e dialética do seu trabalho e à preparação de sua defesa perante bancas examinadoras.

Com o funcionamento normal e bem orientado das disciplinas da Área de Concentração, das de domínio conexo e das três disciplinas instrumentais, temos a certeza de conduzir o ensino, a pesquisa e a carreira universitária dentro de altos padrões científicos e técnicos. A Área de Filologia e Língua Portuguesa encarregar-se-ia do Curso de Edótica e facultativamente do Curso de Metodologia da pesquisa; a cargo de uma Bibliotecária credenciada ficaria o Curso de Bibliografia e Documentação.

IV. *Campos ou sugestões para a elaboração de teses e monografias*

É notório também que, com a renovação dos métodos lingüísticos, os estudos dos idiomas nacionais se beneficiaram consideravelmente, oferecendo assim inúmeras perspectivas para a elaboração de dissertações ou monografias de Mestrado e teses de doutoramento. Poderíamos dizer, até, que tudo o que foi feito no campo da Língua Portuguesa está sujeito a reformulações; e o que ainda há por fazer, na Língua e na Filologia, é seara inesgotável. A título de sugestão, e de algumas sugestões apenas, acerca de temas abordáveis pela investigação lingüística e filológica com relação à Língua Portuguesa, diríamos que todos os seus setores, desde a Fonologia até à Semântica e à Estilística, oferecem temas para trabalhos de grau. Áreas há, evidentemente, que são inóspitas e quase inteiramente fechadas à investigação lingüística e filológica — como é o caso da versificação. Na verdade, dificilmente poderemos falar em teses, se excetuarmos a Filologia dentro do seu conceito mais moderno (como disciplina que, através dos textos, visa a reconstituir a fisionomia espiritual de um autor, de uma época ou de uma civilização) (vejam-se, por exemplo, as obras fundamentais de Huizinga e de Erich Auerbach, *Mimesis* e *O declínio da Idade Média*). As ciências que não possuem uma vocação interpretativa, via de regra não ultrapassam os limites do estudo monográfico e da pura investigação. Não vemos como realizar uma tese no campo da Fonologia, da Lexicologia ou da Sintaxe, porque em tais

áreas a pesquisa dificilmente consegue ir além do mero levantamento ou da simples verificação. Porém, se não considerarmos com o rigor que seria necessário, isto é, se não pensarmos na distinção escolástica mas fundamental entre teses e monografias, estudos e contribuições, dissertações e tratados, achegas e relatórios, poderíamos aventar algumas hipóteses de trabalho, que a experiência posterior dos Cursos de PG ampliaria certamente. E seriam estas:

1. Na *Lexicologia*: a organização de vocabulários ideológicos do português arcaico; de vocabulários poéticos (ex.: voc. da lírica camoniana, da sátira etc.), glossários do português clássico, barroco, neoclássico.

2. Na *Dialetologia*: trabalhos lingüístico-etnográficos de linguagens regionais ou profissionais (a linguagem de cidades, de pescadores ou lavradores de determinada região) etc.

3. Na *Morfossintaxe*: estudo de processos e estruturas lingüísticas — como a aposição, as fórmulas interjectivas, a linguagem afetiva, a expressão da negativa ou da interrogativa, a tautologia no português arcaico etc.

4. Na *Sintaxe*: estudos parcelares acerca da sintaxe arcaica portuguesa.

5. Nas *linguagens especiais*: linguagem de imprensa, linguagens técnicas, profissionais, de grupo; linguagem de autores (em poesia ou prosa) etc.

6. Na *Estilística*: os processos imagéticos e metafóricos do português antigo; as matrizes idiomáticas (tópica) de autores ou de movimentos literários etc.

7. Na *Semântica*: estudos de famílias de termos (por exemplo: as designações árabes na vida rural portuguesa etc.).

A Filologia — já o dissemos —, através da Edótica, propiciaria o campo fértil das edições críticas de textos e autores, em especial dos trovadores galego-portugueses e dos autores brasileiros do período colonial.

Outros campos poderiam também oferecer temas para estudos — como o da Ortoépia e o da Sociologia da linguagem. A propósito deste último, uma pesquisa já está em anda-

mento nas Disciplinas de Lingüística e de Língua Portuguesa da USP: os níveis de linguagem do século XVI através da dramaturgia vicentina.

São Paulo, 30 de agosto de 1971

INTERVENÇÕES

1. Paulino Vandresen: dada a escassez de professores de Língua Portuguesa para o curso de Pós-Graduação, não se poderia aproveitar aqueles de Lingüística que ministrassem cursos de estrutura do português?

R. — Sucede que também na área de Lingüística há escassez de professores.

2. Aryon Dall'Igna Rodrigues: problema semelhante se observou no Rio de Janeiro. Precisamos ministrar cursos de Língua Portuguesa com pessoal do curso de Lingüística, pois a Faculdade de Letras não estava em condições de oferecê-los, com a única exceção do Prof. Celso Cunha. Assim, nossos cursos de Português I (Fonologia e Estrutura Fonológica do Português, vistos pelo método estrutural) e Português II (Morfologia e Sintaxe vistas pelo enfoque transformacional) servem tanto aos alunos de Pós-Graduação em Lingüística, quanto aos de Língua Portuguesa.